

## Introdução

Maria Lúcia Magalhães Bosi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BOSI, M.L.M. Introdução. In: BOSI, M.L.M., PRADO, S.D., And AMPARO-SANTOS, A., comps. *Cidade, corpo e alimentação: aproximações interdisciplinares* [online]. Salvador: EDUFBA, 2019, pp. 35-47. ISBN: 978-65-5630-010-8. <https://doi.org/10.7476/9786556300108.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

## **Visitando a [categoria] cidade em diálogos com corpo e alimentação**

MARIA LÚCIA MAGALHÃES BOSI



Esta obra nasce, sobretudo, de um desejo de experimentação, de um olhar curioso acerca do que vem sendo produzido e, mais que isso, do que se apresenta como potencialidade no encontro do campo alimentação e nutrição – e do objeto/conceito corpo – quando dialogam com cidade tomada como categoria analítica. Campo esse marcado por dualidades e tensões, no qual a alimentação interpela e perturba a positividade almejada pela nutrição, ao insistir na inclusão da experiência, da produção subjetiva, do propriamente humano. Movimento que se repete com as categorias corpo e cidade, quando as desloca, respectivamente, do espaço do discurso biomédico e da geografia física, para reconfigurá-las como experiências – corpo-mundano; corpo vivido; cidade-mundo. Ou seja, quando o corpo

ultrapassa a biologia para se apresentar como fenômeno no qual se inscreve o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999), a vida, as relações sociais. Considerado sob uma perspectiva política, o corpo se situa “na concretude, enquanto volume materializado, mas sempre resultado de investimentos de poder e de enunciações por parte dos saberes que o montam e o constroem como valor”. (VIEIRA; BOSI, 2013, p. 844) E a cidade, por sua vez, ao não se limitar a delineamentos geográficos, se revela como um condensado de vivências, símbolos, experiências; espaço que tanto pode libertar como realizar práticas de controle sobre os corpos de quem nela habita.

A intenção foi reunir aqui estudos sobre corpo e alimentação que, de alguma forma, se imbricam com a questão das cidades, do urbano como experiência, para fazer pensar, explorar possibilidades. Evidenciar diferentes modos de ver a cidade sob aproximações teóricas interdisciplinares. Portanto, cabe, logo de início, esclarecer que, como exercício exploratório, não buscamos um consolidado teórico, haja vista a quase ausência dessa discussão no campo alimentação e nutrição. Nossa intenção foi incentivar um começo de conversa com uma categoria que opera como transconceito, uma vez que já vem sendo, há tempos, objeto de atenção de diferentes áreas, notadamente, Planejamento Urbano; Geografia; Psicologia; Sociologia; Antropologia; Engenharia(s)... Mas com escassa produção no que se refere à articulação teórica nos campos Saúde e Alimentação-Nutrição. Isso, não obstante a questão urbana atravessar uma infinidade de fenômenos nesses campos. Quais interfaces da categoria cidade com estudos sobre corpo e alimentação?

Concordando com Sánchez (2001, p. 33), “O tema das leituras da cidade é de interesse em [...] abordagens do campo simbólico”. Sendo a alimentação uma instância fundamental de realização da produção simbólica e que se desdobra nos corpos, como imagem e valor, indispensáveis para entender esses fenômenos são investigações

que penetre(m) no significado íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos [...] por assim dizer [que busquem] resolver a equação que estruturas como a metrópole dispõem entre os conteúdos individual e superindividual da vida. (SIMMEL, 1979, p. 1)

Refletindo sobre um formato com que pudéssemos introduzir ao leitor este livro como totalidade articulada, em suas diferentes nuances, numa perspectiva de religação consoante o pensar complexo (MORIN, 2003) que aqui opera numa “posição” meta teórica, construímos um mosaico. Melhor dizendo, uma bricolagem, desdobrando um passeio pela obra, ao modo de uma visita, daí o título, na qual conversamos rapidamente com cada autor(a), contemplando seu capítulo como quem contempla uma pintura. Produziu-se, então, uma intertextualidade, espécie de trama (ou bordado) com os fios da nossa construção e de autores que nos inspiram, entrelaçados com trechos que nos impactaram em cada capítulo desta obra, cuja localização iremos indicando, caso o leitor queira visitá-los de forma mais imediata no corpo do livro. Desse exercício, que também pode ser entendido, consoante a metáfora de Costa, Dimenstein e Leite, feita no capítulo 2, como “um mapa às avessas, que nos ajuda a nos perdermos nos emaranhados da cidade [como categoria], buscando acompanhar os diversos processos que se desenrolam no contexto estudado”, deriva o texto desta introdução. Desse modo, recuperando aspectos teóricos que podem inspirar outros exercícios.

As cidades, como se verá, aparecem neste livro ora como cenários nos quais as relações dos sujeitos acontecem, ora de forma mais densa, como categoria analítica, englobando experiências construídas no cotidiano, evidenciando que “o processo de produção do espaço social é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo”. (SÁNCHEZ, 2001, p. 33) E é nessa tessitura que seus espaços de poder, o público e o privado, as exclusões e inclusões sociais, dentre inúmeras outras questões, se mesclam e se constituem. Mas, antes de tudo, a intencionalidade aqui, no sentido fenomenológico, é convocar a cidade – sinônimo de urbano, urbanidade – como categoria estratégica no campo dos estudos de corpo e alimentação, como uma vertente teórico-metodológica nesta teia de saberes, a nosso ver, ainda pouco explorada. Sobretudo, num momento em que, como destaca Costa, Dimenstein e Leite, no capítulo 2, “pela primeira vez na história, mais da metade da população mundial vive nas cidades”. Assim, faz-se necessário considerar “uma problemática especificamente

urbana na agenda das considerações teóricas”. (SOJA, 1993, p. 118) E um referencial no qual a experiência urbana se situa como cerne de muitos fenômenos, a exemplo daqueles que se desdobram no corpo, na alimentação, na saúde.

Mudanças tão profundas na vida urbana demandam novas perspectivas teóricas e novos modelos de inteligibilidade para descrevê-las. Publicações recentes testemunham isso e focalizam-se cada vez mais na percepção, na paisagem, nas sensações, no corpo, nas ambiências e em outros termos diretamente relacionados às experiências comuns dos habitantes da cidade. (THIBAUD, 2012, p. 3)

Nesse escopo, sujeito e estrutura se misturam produzindo experiências tecidas na materialidade da vida urbana. Concordamos com Costa, Dimenstein e Leite, quando postulam, no segundo capítulo, ser “impossível pensar a subjetividade humana contemporânea separada da experiência urbana”. Entendem-se, portanto, as cidades não apenas como um cenário no qual as relações entre atores e os fenômenos sociais podem ser observadas em sua dimensão concreta, mas como conceito que articula um quadro teórico específico que permite compreender o urbana também como experiência. Assim, ao considerar o espaço como produção social e política, não cabe falar somente de “territórios”, da forma como essa categoria, *grosso modo*, se operacionaliza nos discursos da gestão e da planificação em saúde (coletiva) – ainda que a noção/conceito de território possa englobar os planos material e subjetivo, articulando o singular com o coletivo. Da mesma forma, (meio) ambiente, outra categoria recorrente nas narrativas e análises sobre a produção de espaço e a produção da saúde nos diferentes espaços, revela uma falta no que concerne a certos fenômenos e dimensões, mesmo quando iluminada por aproximações histórico-críticas.

Cabe reconhecer que o termo “(meio) ambiente” ou “ambiente”, como vem sendo cada vez mais empregado, não se vincula e se restringe ao que conhecemos como “mundo natural”. Contudo, sua operacionalização nas análises em saúde, quando escapa à naturalização, ainda se orienta, preponderantemente, por macronarrativas que excluem a

dimensão estética, o sensível. Não obstante ressalvas de várias ordens, isso leva certos autores a virem investindo conceitualmente e desenvolvendo estudos orientados pela instigante noção de ambiência:

definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos. Mais qualitativo e aberto, esse novo modelo de inteligibilidade da noção de ambiência foi sendo lapidado ao longo do tempo e desenvolveu suas próprias categorias de análise [...] A noção de ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; ela permite caracterizar nossas formas de experimentar a vida urbana. (THIBAUD, 2012, p. 10)

Tais categorias, território e ambiente, quando usadas no campo da saúde, ao que nos parece, precisam se aproximar do que se processa na microfísica do cotidiano, ou seja, das cidades e seus lugares.

Em uma época em que os problemas ambientais despontam com urgência e força, e em que o caráter público dos espaços urbanos é crescentemente questionado, nos parece mais importante do que nunca embarcar em reflexões profundas sobre a *cidade sensível*. [...] não porque seja necessário acrescentar mais uma camada de dificuldades aos problemas energéticos, climáticos, políticos [...] mas, sim, porque se trata da nossa própria maneira de habitar o mundo urbano, de como nos encaixamos e o experimentamos no nosso cotidiano. (THIBAUD, 2012, p. 4, grifo nosso)

Desse modo, importam, também, lugares e, fundamentalmente, o espaço como experiência que a categoria cidade pode resgatar: “a cidade é habitada por histórias fragmentadas produzidas por forças que desafiam a racionalidade dos cálculos construídos no cotidiano”, como nos lembra Luis Antonio Baptista, nas páginas do prefácio deste livro. Vivemos numa cidade, nascemos numa cidade, construímos laços e identidades com cidades (e lugares). Para ilustrar de forma mais clara: não falo “Nasci naquele território” ou “Nasci no ambiente tal”, mas numa cidade-lugar, tecida por “lugares de memória”, como diria Norá (1981), e por lugares antropológicos, como nos sugere Augé (2005), que faz com que identidades se misturem, se constituam mutuamente.

Assim, importa uma “ecologia urbana dos sentidos que forneça acesso ao contexto estético da experiência comum” (THIBAUD,

2012, p. 6), que nos auxilie a compreender, no nosso campo de interesse, a alimentação como experiência e o corpo como produção social. É preciso, ainda, considerar os lugares como espaços “repletos de diferenças internas e conflitos, que podem ser expressos em leituras dissonantes e em disputa de espaço político”. (SÁNCHEZ, 2001, p. 37) Assim, questões de natureza estética não mais se apresentam como secundárias ou subordinadas; ao contrário, vêm ocupando o cerne ou configurando um elemento central e estratégico no pensamento urbano contemporâneo, onde o corpo e os sentidos passam a ser considerados.

Cidade é uma categoria forte e que consideramos mais refinada teoricamente para certas análises e aproximações mais sutis; há de fato “uma problemática especificamente urbana” que precisa ser recuperada nos estudos sobre saúde, corpo e alimentação. Não por acaso, no capítulo 3, Calabrese e Amparo-Santos aludem a DaMatta (1987) no que o autor nomeia “gramática dos espaços”, que diz respeito “a esses diversos espaços [pertencentes] a esferas de significação [...] que constituem a própria realidade [...] locais [que] possuem agência no pensar e no comportar dos sujeitos”. Cidade é uma categoria capaz de recuperar essas dimensões. É, portanto, produto e produtora de vivências, narrativas, subjetividades, afetividades, memórias e lembranças, que se entrelaçam, num movimento sem fim, conforme dito no prefácio: “A urbe oferece uma tensão insolúvel, ensejada pela ‘máquina humana viva, a mecânica da vida concreta’, da qual sóbrias ideias, projetos são produzidos, testados e destruídos infinitamente”.

Nesse movimento, no campo a que vinculamos a categoria cidade nesta obra, sustentamos que as complexas experiências humanas na vida urbana atuam como determinante social em saúde, com todas as ressalvas que o termo “determinante” exige, se quisermos nos manter congruentes com um pensar complexo e dialético. Mas, ainda se adotarmos essa terminologia, essa determinação não deve ser tomada como um conjunto de variáveis ou “fatores causais”, como aponta o capítulo 1: é totalidade que não pode ser desmembrada para efeitos analíticos – “cidade e

saúde constituem complexidades em sinergia [...] a cidade [é] categoria complexa, do mesmo modo que saúde, nas quais se articulam dimensões subjetivas e expressões materiais, estrutura e sujeito”.

Pensamos, sobretudo, no esforço de produção da vida nas metrópoles contemporâneas, com seu ritmo cada vez mais veloz, marcadas pelo individualismo, medo e pela solidão, conhecidos “determinantes sociais” de tantas enfermidades. No campo da alimentação, análises com as que figuram neste livro ilustram como as transformações ocasionadas pelas novas tecnologias levaram a um fenômeno urbano visível, conforme dito no capítulo 5:

novos arranjos da comensalidade que hoje, cada vez mais, incorporam as lógicas das mudanças ocorridas no universo da informação, da tecnologia e das redes sociais. A possibilidade de sentar para comer em uma mesma mesa embora cada um esteja conversando com outras pessoas ou em contato com informações de outros lugares, coloca em cena outra comensalidade e um novo conceito de sociabilidade.

Essas mudanças estão associadas a transformações na “arquitetura social da cidade” mediante processos como gentrificação que, não por acaso, penalizam trabalhadores precarizados, desempregados, imigrantes, sem-teto e todos aqueles que perturbam o projeto modernizador das cidades, com impactos notáveis na saúde e alimentação. Esse processo possibilita expulsar as populações pobres de áreas centrais que a produção das cidades-mercadoria não admite como empecilho ao encarecimento que produzem no espaço e aos lucros que dele obtém. A gentrificação resulta na valorização de certas áreas da cidade, com reflexos nos segmentos que nela habitam, em detrimento de outros, evidenciando a relação entre cultura e a reprodução de processos de inclusão e de exclusão social (SÁNCHEZ, 2001), não podendo ser um fenômeno isolado das análises que tomam corpo e alimentação como objetos, pelos efeitos simbólicos que tal *displacement* produz.

estudos [sobre] corpo influenciaram os estudos urbanos [...] corpo e cidade se configuram mutuamente [...] além de os corpos ficarem inscri-



tos e contribuirão para a formulação do traçado de cidades, as memórias das cidades também ficam inscritas e contribuem para a configuração de nossos corpos. A cidade é percebida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo, em sua corporalidade, o que passamos a chamar de ‘corpografia’ urbana. (BRITTO; JACQUES, 2009, p. 4)

Conforme asseveram Oliveira, Czeresnia e Vargas, no capítulo 4, “o corpo contemporâneo se transformou progressivamente em referencial para a construção das identidades pessoais, nos quais atributos físicos determinam e marcam a definição de um lugar no mundo”. E, referenciando-se em Agier (2011), prosseguem: “o ‘viver na cidade’ constitui parte e expressão de fenômenos complexos como as relações de identidade, etnicidade, territorialidade, globalização, lugares, fronteiras, situações às margens etc.”.

Sabemos que há um complexo intercâmbio entre a transformação material e o simbolismo cultural. Os lugares se reestruturam, as identidades se reconfiguram: “a cultura é o meio que relaciona a textura da paisagem ao texto social”. (SÁNCHEZ, 2001, p. 35) Assim, como dito no capítulo 5, “transformações globais mais amplas da cultura impactam o ‘local e o cotidiano’ resignificando modos de viver e sentidos atribuídos às experiências locais, de todo modo cultural”. Desse modo, local e global se aproximam, permitindo compreender os efeitos de homogeneização cultural, bem como a articulação entre esses planos de análise, melhor dizendo, sua integração. Giddens (1991, p. 177) adverte:

a globalização não significa tão somente uma intensificação das relações sociais em escala mundial, uma vez que integra diferentes contextos sociais. Em realidade, esse movimento, geralmente, figura de maneira insidiosa e silenciosa, transforma espaços locais e, por conseguinte, afeta as intimidades da existência pessoal, pois atua de forma a modificar a vida cotidiana.

Podemos falar assim numa globalização dos modelos de corpo e alimentação. Conforme assinalamos em outro espaço (ANDRADE; BOSI, 2003), como marca distintiva desse fenômeno (globalização),

convivemos com informações veiculadas sob a urgência do tempo, num ritmo frenético que dificulta, quando não impossibilita, a assimilação pelo desdobramento da reflexão. Com isso, a comunicação é instantânea, porque é seu próprio simulacro, haja vista que, em certo sentido, não existe, convidando-nos à análise das forças visíveis e invisíveis na produção no imaginário em esferas como o comer e a construção social dos ideais de corpo.

Não vou entrar nos detalhes da análise das estruturas invisíveis – que são um pouco, como a força da gravidade, coisas que ninguém vê, mas é preciso supor para compreender o que se passa – às experiências individuais, isto é, como relações de forças invisíveis vão se retraduzir em conflitos pessoais, em escolhas existenciais. (BOURDIEU, 1997, p. 75)

Nesse cenário, “os alimentos estão sendo continuamente reinterpretados, reinventados, sendo alguns excluídos outros reintroduzidos e outros ainda transformados, a fim de se adequarem às exigências da vida urbana e acelerada”, conforme aponta o capítulo 5. Neste ponto, parece-nos útil retomar o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu (2011) para indagarmos o lugar da cultura e sua relação com a ação dos sujeitos. Um *habitus* é uma disposição, um conjunto de esquemas interiorizados inscritos no próprio corpo, que retrata a dimensão corporal de um aprendizado decorrente da socialização. Processo de produção e formatação de subjetividades no qual se espriam valores que se tornam, cada vez mais, dominantes – entenda-se, aqueles que aderem à lógica da sociedade de consumo, no capitalismo mundializado, tendo a mídia, no sentido amplo, como aliada englobando todos os “dispositivos”, que operam como rede, tal como propõe Agamben (2009) referenciando Foucault.

Não queremos com isso advogar por uma dominação absoluta, sem reconhecer resistências. Contudo, a máquina midiática num consórcio com a produção inesgotável de mercadorias alicerçadas na ciência e na tecnologia tem potência e, via de regra, consegue incorporar como suas pautas de organizações governamentais e não governamentais, de

movimentos sociais autônomos em seu nascedouro, e mesmo revolucionários, *vis-à-vis* a ética da sociedade de consumo, convertendo-as em *commodities*. Cabe reconhecer a forte assimetria nas relações de poder entre as instâncias, numa disputa de narrativas alicerçada em relações de poder bastante assimétricas. Esse processo se consolida, sobretudo, no espaço urbano e nos auxilia na compreensão das interfaces cidade-corpo-alimentação e seus desdobramentos políticos.

As pautas sobre alimentação repercutem sensibilidades, demandam representações existentes no imaginário coletivo e tomam o espaço urbano e as mídias ininterruptamente “[...] o fenômeno da transmidialidade presente na cultura contemporânea, em que tanto mídias quanto as narrativas interagem e entrelaçam seus conteúdos”. (JENKINS, 2006) O entrelaçamento entre a comunicação, a nutrição e as práticas de consumo realçam a presença transversal da subjetividade nas questões sobre o saudável, sobretudo na cidade, conforme dito no capítulo 5: “[...] levantar esta reflexão permite trabalhar com o poder e o alcance das subjetividades e afetividades [...] inscritas no imaginário das urbes”.

Essas capturas incidem sobre um extenso conjunto de elementos no imaginário social urbano sobre alimentação e nutrição, produzindo o mercado *fitness*, academias, expansão de consultórios de nutrição, não raro espaços onde se estimula a venda de suplementos, probióticos e um sem números de “aditivos” à dietética tradicional, construída, como se sabe, com alimentos acessíveis. Em torno disso, impressiona a proliferação de lojas especializadas e farmácias de manipulação onde se fabricam as mercadorias que respondem às necessidades geradas pelo discurso do “saudável”, “natural” e outros modismos.

Já em torno do corpo-mercadoria, se somarão incontáveis outros recursos, como a cosmética e a indústria médico-estética com seu arsenal de próteses e artefatos, gerando um mercado monumental mediante a expansão dos procedimentos estéticos de toda ordem, notadamente cirurgias plásticas, impulsionadas pelos ideais de corpo manipulados pelas tecnologias de imagem. Desse modo, vendem a perfeição corporal e a juventude eterna como possibilidades e mesmo responsabilidade

individual, cujo valor inflaciona na “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2000) com seus *outdoors*, revistas, vitrines digitais em que a espetacularização da vida se desdobra, com seus disfarces, encenações, inautenticidades. É também a “sociedade da transparência” de que nos fala Byung-Chul Han (2017, p. 25, tradução nossa), na qual:

cada sujeito é seu próprio objeto publicitário. Tudo se mede tomando como base seu valor de exposição [...] tudo se volta para o exterior, revelado, desnudado, despido e exposto. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria [...] A economia capitalista acaba por submeter tudo a essa obrigação de se expor.

Nem mesmo movimentos que em seu nascedouro se apresentam como “fato social total” (MAUSS, 1997) vinculado a “ambições morais superiores”, conforme recupera Celka, analisando, no capítulo 7, o estilo vegano, escapam a essa captura. Em sua análise sobre esse movimento, nos damos conta da expansão de um modo de vida originalmente ascético, reservado a uma elite militante fundada num conhecimento bastante complexo e refinado cuja operacionalização no cotidiano não se revela como um processo de fácil execução. Contudo, indaga Celka: “na experiência urbana [...] o modo do veganismo se metamorfoseou em atitude *cool*. De qual sensibilidade coletiva esse estilo é expressão? O que ele nos diz sobre nossas práticas urbanas contemporâneas?”. E acrescento: o que ele nos diz sobre a conexão global-local a que antes aludimos?

A cidade como questão entra em níveis diferentes neste livro, desvelando, na interface com os objetos corpo e alimentação, problemáticas emergentes em cenários urbanos ibero-americanos, na contemporaneidade. Nosso propósito é incentivar um caminhar dos “cenários” para a construção de um diálogo com o vasto acervo transdisciplinar erigido mediante essa categoria, o urbano, de modo a dispormos de um arcabouço teórico capaz de situar os objetos do campo alimentação e nutrição num referencial ainda inédito nesse espaço. A visita a esta obra possibilita localizar conceitos estratégicos para pensar a alimentação e o corpo no urbano nessa direção: espetacularização urbana; urbanidade;

desterritorialização; direito à cidade; cidades sensíveis; alma da rua; modelizações dominantes na cidade; novas urbanidades; lugares de memória; lugares antropológicos; corpo-território; cidade-mercadoria; corpo-mercadoria; gentrificação; corpo vivido... Os conceitos são muitos e se distendem pelas páginas desta produção coletiva. Também se desvelam nos estudos em contextos urbanos diversos orientados pelo enfoque qualitativo aqui compartilhado.

São muitos os estímulos e as contribuições que recolhemos nessa visita interativa à obra. Ao final do percurso, reafirmaram-se para nós a natureza complexa do urbano, como objeto e categoria analítica, as potencialidades no campo alimentação e nutrição, as incontáveis dimensões daquilo que é “tecido junto” que se desvela-velando, se antecipa como insurgência, se anuncia no silêncio, se oculta nos discursos, desafia nosso olhar, se esconde nas texturas. E retornou-nos um excerto poético que sintetiza nossa leitura: “As cidades, assim como as florestas, têm seus antros nos quais se esconde tudo...”. (VICTOR HUGO)

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ANDRADE, A.; BOSI, M. L. M. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 117-125, jan./mar. 2003.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: ed. 90 graus, 2005.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

- BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. *Fractal, Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 337-349, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922009000200010>.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUY, D. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- HAN, B.-C. *La société de la transparence*. Paris: Presses Universitaires de France, 2017.
- JENKINS, H. *Convergence culture*. New York: New York University Press, 2006.
- MAUSS, M. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- SÁNCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 16, p. 31-49, jun. 2001.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- THIBAUD, J.-P. A cidade através dos sentidos. *Cadernos PROARQ*, Rio de Janeiro, n. 18, 2012.
- VIEIRA, C. A. L.; BOSI, M. L. M. Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 843-861, 2013.